

- O Príncipe -

A tempestade havia passado, e o fim do mundo para Serieng esteve bem próximo de se tornar uma cruel realidade. Mas as profecias da velha aia não se cumpriam tão facilmente, embora dessem muito medo. Os raios, os trovões e a escuridão eterna dos últimos três dias deram lugar a um dia cinzento, onde o sol tinha dificuldades para aparecer, aonde quer que estivesse. Mas o pior para Serieng não era os deuses gritando, invocando uma maldição sobre aqueles seres que um dia chegaram a proteger; que o fazia tapar os ouvidos e correr até os aposentos do seu pai. O que ele odiava da Alta Escuridão era o lamento de Allanye, pois era obrigado a ficar encarcerado entre as paredes do castelo; e um castelo que não conhecia tão bem quanto o Aumha'dhar.

O último pranto de Allanye fora o mais triste que Serieng se lembrava em seus sete anos de vida. Chovera tanto, que da janela do quarto de sua aia, na Torre da Lua, via como o poço ao lado do canil transbordava e os cachorros gemiam, sem saber o que fazer, presos em suas jaulas. O pátio de armas estava alagado e nenhum homem apareceu por ali nos últimos dias, nem mesmo Tarf, o filho mais jovem do ranzinza Sor Atan, três anos mais velho que Serieng, que chegara ao castelo duas semanas atrás e sempre estava com uma espada de treino em mãos, dando golpes em um boneco de trapos cheio de palha que não se defendia.

Os dias foram aborrecidos e sua imaginação não era tão boa quanto à de Nirea, que inventava dezenas de jogos para os dois passarem o tempo. Mas ela já não estava no castelo – teve que voltar ao seu castelo junto com seu pai quando homens lhes trouxeram a notícia da morte do seu bisavô. Fazia sete dias que partira com as condolências e alguns homens do rei, e desde então ele ficou sozinho. Sozinho e preso. Seus dias chuvosos foram dias de estudo; mais do que ele gostaria.

- Quando houver guerra, aprenda a lutar; quando houver paz, aprenda a falar – disse Ras'hajed, seu mestre de estudos, no dia anterior, enquanto andava de um lado a outro do quarto, arrastando sua túnica verde, azul e branca, com bordados nas mangas. Era um askoniense de pele morena, alto e magro, de ombros largos. Do lado de fora os trovões ecoavam, quase fazendo toda a torre tremer.

- Eu já sei falar – respondeu Serieng com tom presumido. Torceu o nariz, desgostado.

- Já vi reis, lordes e *jareffs* falar como Sua Alteza – tocou a testa do menino com a ponta de sua varinha de bambu. Serieng odiava isso. – Mas falar utilizando as palavras adequadas nos momentos oportunos, poucos o fazem. E a tragédia caminha ao lado de governantes assim; e senta sobre suas cabeças quando estes estão em seus tronos de mármore ou ferro. – deu as costas ao príncipe. – Aprenda a falar e aprenda a escutar, filhote, e todos os homens do mundo lhe terão respeito, até mesmo seus inimigos.

- Um rei ou lorde não precisa saber falar para ter o respeito de seus homens – respondeu Serieng. - Ninguém ousaria desrespeitá-los – ouvira aquilo de algum cavaleiro.

- Isso não é respeito, filhote, é medo. E do medo surge o ódio; a ira, a vingança e, naturalmente, a traição – girou-se. – Estudamos as linhagens e casas de vários reinos. Diga-me qual destas casas teve um reinado maior de cem anos sem um conflito. Diga-me qual rei ou imperador subiu ao trono e o deixou sem ter de levantar a mão contra homens da sua própria terra – sentou-se na ponta da mesa, esperando uma resposta. Em um dos seus dedos da mão direita brilhava um anel com uma gema cinzenta.

Serieng tentou lembrar. Conhecía bem as casas do seu reino e algumas do reino vizinho ao norte, assim como as casas que participaram da Rebelião Real e formaram o pequeno reino de Eron ao sudeste, há três centúrias. Também conhecia alguns imperadores de Askon e reis do outro lado das montanhas; e nenhum reinou em paz. Muitos foram traídos, morrendo aos pés do seu próprio trono. «Mas meu pai não é como eles. Os homens que o protegem, respeitam seu rei de verdade» pensou.

- Há algum? – insistiu Ras'hajed.

Serieng negou com a cabeça, contrariado.

- Nenhum.

- Vossa Alteza é o herdeiro do Trono de Ossos e Pedras. Se deseja ter um futuro diferente ao desses poderosos homens, aprenda dos seus erros – desceu da mesa. Ao seu redor pairava um aroma a jasmim e laranja – Mas talvez isso não seja suficiente para um rei, pois seu passado sempre pesará com a coroa. A sombra de um rei é mais velha do que ele, e muito mais sábia e cruel; é o passado dos que já reinaram. Uma sombra que pode ser mais pesada do que todo o ouro e jóias do mundo. Não podemos mudá-lo, apenas recordá-lo.

- Certas coisas depois de passadas ainda podem ser mudadas. Meu pai pode desfazer muitas coisas que meu avô fez.

- Muito bem, filhote! Mas um homem sabe a hora certa de fazer isso? Saberá ele quais as conseqüências dos seus atos? – estava em pé diante de Serieng e parecia uma das estátuas dos deuses, imóvel. Seus olhos claros, grandes, destacavam-se num rosto fino e sem barba. - Isso há de aprender – falou ao ver que o príncipe não respondia. – E para isso estou aqui. Agora volte a conjugar-me todos os verbos não primitivos. Serieng bufou, cansado. Uma varinha fechou o livro que tinha entre os braços.

Com o fim da tempestade, o fim da tortura também se fora rio abaixo, levando o fim do mundo para longe. Apenas uma fina garoa caía e a neblina cobria tudo ao redor de Castelestrela, o pequeno castelo de Lorde Brian de Gerseu, aficionado à caça e grande amigo do seu pai.

Serieng levantou-se da cama tentando fazer o mínimo ruído possível. Ao seu lado, a anciã Cataring cochilava sobre uma cadeira, de boca aberta e com um velho livro sobre as pernas. Uma mecha do seu cabelo saía por debaixo de uma echarpe de seda rubro que cobria sua cabeça e enrolava-se pelo pescoço como uma serpente, para proteger-se de um frio que apenas ela sentia. Seus roncos eram um leve suspiro irregular, seguidos por alguma frase sem sentido. O príncipe calçou umas botas grossas de cano alto e pegou uma capa com capuz, pendurada ao lado da porta, de um azul mais escuro do que seus olhos. O rangido da porta ao abrir soou como um trovão, mas sua aia continuou de olhos fechados, falando em sonhos.

«Com o tanto que comeu, não acordará tão cedo» pensou enquanto fechava a porta atrás de si e descia correndo as escadarias da torre.

O almoço daquela tarde fora como todos os outros; abundante e regado com muito vinho e cerveja. Serieng era a única criança sentada à mesa. Tarf não saiu do seu quarto; estava com febre e o mestre Ormiem não saía do seu lado. O salão comedor estava debaixo da torre de menagem do castelo. Quando seu pai chegou, o salão estava repleto de cavaleiros e lordes, suas damas e donzelas, bardos e música, e os cachorros que rondavam em busca de alguma sobra. Agora apenas uma mesa estava montada sobre os cavaletes, no chão de pedra. Sobre um estrado de madeira que ia de uma parede a outra ao fundo, sentava-se ao redor de uma das mesas a senhora do castelo e algumas damas mais importantes, assim como Cataring. Em outra mesa, ao lado, outras damas conversavam sem parar. As donzelas iam de um lado ao outro, num baile de vestidos coloridos, servindo bebidas e palpitando de vez em quando entre risadas contidas.

A Dama Beatris era uma mulher tão divertida quanto o seu marido. Era a filha mais velha da casa Idoren, a *Casa das Mulheres*. Gorda e baixa, muito parecida a um barril de vinho, tinha os cabelos cacheados, vermelhos como o fogo, que caíam sobre os voluminosos peitos. Suas bochechas e pescoço estavam tomados pelas sardas, e seus olhos eram de um azul intenso e aditivo, tão claros como o céu limpo. Usava um vestido rodado verde, longo, com brocados em prata. Quando gargalhava, segurava-se na borda da mesa para não cair para trás. Serieng gostava dela, embora às vezes chegasse a falar de forma rápida demais para ele entender o que dizia. Sua aia Cataring estava ao seu lado, vestindo uma túnica azul tão escura que parecia preta, de mangas longas e gola alta. Comia de tudo como se a tormenta realmente trouxesse o fim do mundo. Junto a ela estava a Dama Laris, *Senhora da Morte*. Era uma mulher velha, pouco agraciada fisicamente desde sempre, de cabelo castanho e olhos negros e uma verruga do tamanho de uma ervilha debaixo do lábio inferior. Vestia totalmente de negro; um luto eterno pelo único homem com quem conseguiu se casar, e que morreu no mesmo dia de bodas, depois de embebedar-se e desafiar um touro a gritos. Alguns homens diziam que ainda era virgem e outros que o marido preferiu morrer a viver o resto de seus dias com ela. Acompanhava seu irmão mais novo, o Cavaleiro Sem-armas, da casa Donniss. As mais jovens sentadas à mesa eram as irmãs gêmeas da casa Lerseu, belas e cobiçadas como uma flor o é pelas abelhas.

Cobrindo as desnudas paredes do salão havia vários tapizes de diversas cores, aludindo a todos os convidados no momento: as quatro estrelas de cinco pontas da casa Gerseu, o sol da casa Lerseu, o corvo de ouro da casa de Cornar, as duas copas da casa Gisour, o martelo da casa Fornaseu, o grifo rampante da casa Donniss, a sereia da casa Kathyn, o leão rampante da casa da rainha e outras casas, maiores e menores. Sobre todos eles, o urso e o leão rampante contra-emergente de ouro sobre campo de goles; o brasão real.

Sobre a mesa havia leitão banhado com molho de ameixa e rodela de cebolas rosadas, uma torta de frango e ovos negros, uma sopa de verduras, batatas assadas cobertas de manteiga, queijo branco e amarelo, feijões fritos no óleo de peixe, e diferentes barras de pães. Para quando lhes trouxeram a sobremesa, Serieng já estava farto de tanta comida, mas ainda assim provou o doce de figo em calda e um pedaço do bolo de milho.

Ao lado esquerdo do príncipe sentava-se Ras'hajed, quem prestava atenção a conversa entre os outros sobre o bisavô de Serieng - o rei Julian -, e suas caças. Junto a ele estava o jovem cavaleiro Fernan, da casa Cornar, que beliscava sua comida sem ânimo, com seus cabelos negros e cacheados tapando seu pálido rosto. Ao outro lado estava Sor Oscar, da casa Fornaseu. Machucara-se um dia antes da comitiva do rei sair para a caça e teve que ficar em Castelestrela tratando sua perna com o mestre do castelo, e soltando maldições aos deuses sem parar. Completamente calvo, levava uma barba de vários dias e um bigode de anos, negro e lustroso. Era um homem de pesados músculos debaixo da túnica púrpura com fios de prata que usava. Sor Carnau Gisour, ao lado esquerdo de Oscar, era tão gordo que nenhum cavalo no reino suportava seu peso. Distribuía suas carnes sobre uma cadeira especialmente feita para ele. Estava comendo pouco aquele dia, mas bebia mais de um barril de vinho por refeição.

- O vinho transforma toda mulher numa puta. E é isso que todo homem precisa; vinho e uma boa puta – era seu lema. O de sua casa era “um brinde a vida, um brinde a morte”. Quando jovem, casou-se com uma prostituta que encontrou pelo caminho, quando combatia uma das últimas invasões bárbaras vindo das montanhas. Quando esta o traiu, cravou um punhal entre suas pernas, capou o homem com quem estava e enfiou o pau deste no ânus dela, vociferando maldições. Sor Casseur dizia que ela ainda vivia

quando Carnau a deixou nas margens de um rio, após decapitar seu amante. Após isso, o bordel da capital tornou-se sua segunda moradia e ele ficou conhecido como *Mataputas*. Sua esposa não foi a última.

Sentado pesadamente diante da mesa, com os cabelos brancos banhados em óleo, suas flácidas bochechas e uma jarra de vinho nas mãos, parecia um velho inofensivo, mas os que conheciam seu passado contavam histórias que bem podia colocá-lo ao lado de vários cavaleiros lendários.

- Bah! Você fez bem em ter machucado esses velhos ossos e ter ficado aqui, meu amigo Oscar – falou ele depois de tomar meia jarra. Arrancou um pedaço do leitão com a outra mão e o fez descer mais rápido com a outra metade da jarra. – Se fosse caçar agora estaria mais molhado que a boceta de uma virgem. Olha esse tempo! Faz quantos anos que não cai tanta água desse maldito céu assim? – o molho da carne caía de sua boca sobre sua pança, vestida de amarelo e negro. O brasão de sua casa estava manchado de vinho.

- Pouco me importa o tempo – respondeu Sor Oscar, irritado. – Esse moleque me fez perder a caça de primavera. Talvez a melhor em décadas! E agora ficarei quase um mês sem poder montar. Não consigo nem dar um passo como mandam os Deuses!

Sor Carnau estalou em gargalhadas. Sor Tristan, sentado entre os dois, o acompanhou. Era da casa do sol, e ficou no castelo protegendo suas duas irmãs. Seu cabelo ruivo e a grossa barba, o fazia parecer mais velho do que era. Seus olhos verdes claros atraíam mais mulheres do que ele gostaria, mas nenhuma era rejeitada, fosse essa dama, donzela ou criada.

- Antes do combate lhe avisamos, Sor Julian Sarnarian é jovem, muito verde ainda para alguns de nós, mas passou sua infância servindo um senhor nos palácios do reino de nosso mestre presente – apontou a Ras'hajed, com um sorriso – Conhece bem sua forma de mover a espada, e sua maneira de combater é diferente. Você não aceitou as regras do nosso reino, mas sim as abertas, fazendo ouvidos surdos aos nossos conselhos. Não o culpe – a voz de Sor Tristan soava como a de um bardo.

Sor Oscar resmungou algo entre dentes. Tomou um gole de sua jarra.

- Veja por outro lado, amigo meu. Essa tempestade é a vingança dos deuses pelo que ele fez. Agora deve estar tremendo, empapado até a alma, descarnando sua bunda sobre um cavalo fedorento.

- E se os deuses são benévolos, sem caçar um mero coelho.

Sor Carnau voltou a gargalhar e o vinho que caía de sua boca enchia as duas copas do seu peito.

- Aliás, por falarmos em caça, há quanto tempo está aqui no reino, *Rassajed*? – perguntou Sor Carnau, limpando a boca com a manga da túnica. – Não lhe interessa a caça?

Ras'hajed esboçou um educado e resignado sorriso antes de responder. Poucos pronunciavam bem seu nome.

- Se contarmos o mês que passei na capital quando Sua Majestade me fez chamar, tenho nove meses, embora que, quando jovem, já viajei por seu reino, como embaixador da ordem. Mas nunca participei em uma caça. A ordem nos proíbe participar nesse tipo de diversões.

- Os magos podem chegar a ser mais insossos do que os *dheriuns*, que só sabem rezar e masturbar-se a escondidas – molhou a garganta. – Sor Fernan poderia passar por um deles. Desde que começamos a comer não abriu a boca.

Fernan levantou a cabeça. Tinha uma expressão de poucos amigos.

- Não me compare com esses homens santos, sor. Não estou de humor para essas conversas fúteis.

- E o que pretende fazer aqui para levantar essa moral, senão beber, comer e falar mal de todos aqueles que não podem nos escutar? Se nem uma puta banguela há nesse maldito castelo gelado.

- Eu não devia estar aqui. Tinha que estar com meu pai, servindo o rei – tirou o cabelo da cara. Seus lábios eram um fino traço, apertados.

- Bah! – Sor Carnau fez um gesto para que um criado enchesse sua jarra pela sétima vez. Serieng contava. – Nesta mesa está sentado seu futuro rei. Sirva-o, já que tanto deseja servir um rei – e piscou para Serieng por trás da jarra. – Pode começar enchendo sua copa com esse vinho rebaixado com água – e gargalhou.

- *Nosso* futuro rei – corrigiu-lhe um enfadado Fernan pelo deboche. – Ou não considera Sua Alteza seu futuro rei? A casa Gisour não é necessariamente conhecida por sua impecável lealdade ao rei, como todos sabemos. Lembra-se do que ocorreu no assalto ao Forte Branco? Ah, claro, como ia esquecer, não é? Os Gisour eram os protetores do forte. Mas chegar a uma traição aberta é algo que Sua Majestade não gostará de escutar – um brilho cínico apareceu em seus olhos.

Carnau bateu a jarra sobre a mesa, derramando boa parte do vinho e fazendo Serieng saltar de susto. Seus olhos estavam arregalados e uma veia começou a pulsar em sua testa. Se pudesse levantar, teria saltado sobre Fernan sem pensar.

- Cuidado com o que diz, jovem! Não coloque palavras na minha boca, ou afogarei um corvo nesse vinho hoje, e depois irei atrás da sua irmã – apontava um dedo gordo para Fernan, que o encarava. – Quando esse menino sentar no trono, já estarei morto, fodendo de novo todas as putas que matei. Meus filhos o servirão, não eu – esvaziou a jarra para acalmar-se.

Fernan abriu a boca para retrucar, mas Sor Tristan o interrompeu com um firme ademane.

- Deixe-o em paz – falou inclinando-se sobre a mesa. – O que pensará o príncipe ao ver dois cavaleiros do seu pai, ameaçando um ao outro como bárbaros diante da pilhagem? Peço um pouco de educação à mesa entre os senhores.

- Não se preocupem com o que pense Sua Alteza – disse Ras'hajed. – O príncipe Serieng está sendo instruído de maneira exemplar no conhecimento dos cavaleiros que servem ou serviram seus reis, e também suas famílias. Conhece bem a capacidade da maioria e suas personalidades.

Serieng endireitou as costas e sentou-se ereto. Sor Carnau balançava a cabeça, satisfeito ao ouvir aquilo.

- Um rei com um bom conhecimento sobre os homens que governa é digno de ser respeitado – falou Oscar, dirigindo-se ao seu mestre. – Assim não cometerá os mesmos erros que um dia fez Gillern Alfrin o Louco. Mas um rei também precisa ter os braços da espada e do escudo fortes, para acabar com seus inimigos. Daqui um ano poderá começar com seu treinamento em armas, Vossa Alteza. Sua Majestade já escolheu quem será seu mestre de armas?

- Um rei com conhecimento vence seus inimigos sem precisar ir a um campo de batalha, Sor Oscar – respondeu Ras'hajed em seu lugar. – Nem todas as guerras se travam com espadas.

Oscar esboçou um sorriso, assentindo, insatisfeito com a resposta.

- Não lhe tiro a razão, askoniense. Mas não é isso que diz a história. E sobre isso você sabe bem mais do que qualquer um nesse castelo. As palavras de um rei têm poder, sim, mas sua mão numa espada tem muito mais.

- Não o nego. E o que está escrito confirma isso, mas com as espadas vêm outras desgraças. Os senhores – abarcou com o gesto os três cavaleiros a sua frente, - já travaram batalhas e sabem bem o que segue a guerra. E quanto mais longa, mais

devastadora é. Violações, roubos, mortes entre os camponeses para protegerem suas terras e, a fome. A fome é a que mais medo dá; não tem lâmina nem quem a empunhe, mas mata mais que o aço afiado.

- E sentado, dentro do seu castelo, um rei pode evitar tudo isso e ainda vencer seus inimigos? – quis saber Tristan.

- Isso é como masturbar-se e querer que uma mulher engravide – comentou Sor Carnau com uma risada de deboche.

- Conhece algum rei que ganhou guerras assim? – perguntou Tristan. Parecia bem mais interessado no que seu mestre dizia do que o resto. – Conheço várias histórias, mas nenhuma como a que quer nos apresentar.

- Batalhas, talvez. Mas guerras... nenhum foi capaz - Carnau voltou a rir. Tristan mexeu-se na cadeira, com uma expressão de decepção. Sor Oscar tomou um gole de sua copa, tirando a vista de Ras'hajed. Sobre o estrado lhes chegaram as escandalosas risadas da Dama Beatris, acompanhada por outras abafadas, tentando ser educadas. - Mas nenhum deles teve alguém que lhes ensinasse isso. Sua Alteza tem a mim – completou ele.

Um criado encheu a copa de Ras'hajed de cerveja, e a conversa seguiu. Serieng escutava tudo com atenção, embora às vezes ficasse perdido sobre o que diziam. De vez em quando ria de alguma frase de Sor Carnau. Quando este estava tão bêbado que começou a cantar *Dança, dança mulher feia*, sua aia o levou ao seu quarto, para seu cochilo diário.

E agora ele havia fugido para ver a chegada do seu pai.